



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Martins Aragão, Raul

Uma Tipologia de Crianças e Adolescentes em Situação de Rua Baseada na Análise de Aglomerados
(Cluster Analysis)

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 15, núm. 2, 2002, pp. 251-260

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815203>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Uma Tipologia de Crianças e Adolescentes em Situação de Rua na Análise de Aglomerados (*Cluster Analysis*)

Raul Aragão Martins¹

Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto

Resumo

Crianças e adolescentes em situação de rua vêm sendo estudados de forma sistemática desde a década de 1970. Os estudos procuraram quantificar esta população, e posteriormente, para melhor conhecê-los, surgiram tipos de critério, como tempo de permanência na rua, ou dois, tempo mais vínculo familiar. Com a finalidade de oferecer uma classificação, e uma tipologia, este estudo aplicou a análise de aglomerados *Cluster Analysis* a duas amostras. A primeira amostra é composta de praticamente todas as crianças e os adolescentes em situação de rua no centro de uma cidade de São Paulo, totalizando 67 pessoas, e o segundo uma amostra de 31 crianças e adolescentes, de dois bairros participantes de grupos de rua. Para o primeiro grupo foram selecionados 12 critérios e para o segundo, ambos grupos, em 3 aglomerados distintos. Foram também comparados estes resultados com censo de 2000, há 4 anos. Resultados mostraram que este tipo de análise é útil na classificação destas crianças, que por sua vez, melhor planejamento e ações de políticas públicas para o setor.

Palavras-chave: Crianças de rua; tipologia; uso de drogas; análise de aglomerados.

A Typology of Street Children Based on Cluster Analysis

Abstract

Street children and teenagers have been studied in a systematic way since the seventies. The first studies sought to quantify this population, and afterwards in order to know them better, typologies appeared based on the period they were in the street and their family relationship. In order to offer a classification procedure, this research applied cluster analysis on two groups. The first one is composed by almost all downtown street children of a city in the state of São Paulo, with 67 children and teenagers in total, and the second a sample of 31 from two neighborhoods of the same city all from the street. For the first group 12 criteria were chosen, for the second group, 7, which resulted in 3 different clusters. These results were also compared with the street children census of 2000, four years ago. The results showed that this type of analysis is useful for children's classification, and better planning and public political actions for this sector.

Keywords: Street children; typology; drug use; cluster analysis.

Crianças ou adolescentes perambulando pelas grandes cidades é um fenômeno antigo: encontramos referências na literatura, em personagens isolados, como *Oliver Twist* de Charles Dickens (1956) ou em grupo, como os *Capitães da Areia* de Jorge Amado (1965). Geremek (1995), estudando a forma como a literatura europeia, entre 1400 e 1700, retrata a vida de vagabundos e miseráveis, destaca

coincidentemente, esse foi o Ano Internacional das Crianças, promovido pela ONU, e esse é um tema que tem sido menos em nosso país, uma grande preocupação em prol do bem-estar da criança.

Antes de vermos essa problemática, é importante perceber como simples consequência de pressões internacionais, como a ONU, PNUD, UNICEF, entre

de terceira geração” relativos ao meio ambiente, consumidores e desenvolvimento.

A consolidação desses direitos se faz na doutrina dos direitos humanos, doutrina esta que dá sustentação à questão da cidadania. Marshall (citado em Pilotti, 1995) expõe da seguinte forma:

O conceito de cidadania compreende direitos civis, necessários para garantir a liberdade individual; direitos políticos, indispensáveis para permitir a participação do exercício do poder; e os direitos sociais, que cobrem a gama de direitos requeridos para assegurar que, dentro dos padrões de uma sociedade dada, cada indivíduo possa desfrutar da segurança oferecida pelo bem-estar econômico, compartilhar plenamente a herança sócio-cultural e viver digna e civilizadamente. (Pilotti, 1995, p. 21)

Em 1989, a ONU aprova a Convenção dos Direitos da Criança, colocando-a como sujeito de direito e como cidadão privilegiado, dentro do princípio da proteção integral, e nosso país, já em 1990, como decorrência de discussões em âmbito nacional, aprova o Estatuto da Criança e do Adolescente de acordo com essa nova orientação (CONDECA, 1996). Nesse contexto, veremos o que foi produzido nesses quase 20 anos de pesquisas, a evolução da definição de crianças de rua e sua origens.

Ao revisarmos estudos sobre crianças em situação de rua, encontramos, num primeiro momento, artigos falando sobre o tema em vários periódicos e relatórios técnicos (Aptekar, 1991; Carrizosa & Poertner, 1992; Cosgrove, 1990; Lusk, 1992; Oliveira, Baizerman & Pellet, 1992; Unicef, 1991, 1993), sendo que a maioria deles retrata países em desenvolvimento, principalmente os da América Latina.

Estes textos apresentam duas características principais: a primeira afirma que existem cerca de 80 milhões de crianças em situação de rua no mundo, 40 milhões delas vivendo na América Latina (que tem somente dez por cento da população mundial), e dessas 40 milhões, metade vivendo em nosso país. Esses números talvez tenham saído de projeções da população geral do mundo, e

crianças e adolescentes em situação de rua. As crianças pobres. Procurando ver como estas crianças se encontravam, vêm sendo categorizadas, Martins (1996b) e encontra como ponto inicial a definição de Inter-NGO (1983, citado em Martins, 1996b) e, também, pelas Nações Unidas (ICCB, 1996b; Martins 1996b):

Uma criança de rua é qualquer menino ou menina que não alcançou a idade adulta e para quem a rua (não) é a única casa, incluindo casas abandonadas, tendas e barracos, tornou-se sua habitual fonte de vida e que não é protegida, supervisionada ou orientada por pessoas responsáveis. (p. 36)

Em 1986 a Unicef apresenta nova tipologia, dividida em três itens, em que o principal ponto é o local de residência: a) “crianças de rua”: aquelas que trabalhando na rua mas vivendo com suas famílias ou “criança na rua” com suporte familiar ou esporádico; b) “crianças de rua”: “frequentemente vivendo sem suporte familiar.” Assim, temos, num primeiro momento, a simples constatação da presença de crianças de rua e “fora do controle” das famílias e, num segundo momento, começarmos a pensar em uma tipologia baseada no contato familiar.

Posteriormente Lusk (1992) propõe uma classificação de trabalho com crianças e adolescentes em situação de rua: a) crianças de rua com base familiar; b) trabalhadoras independentes de família; c) crianças de rua que vivem de famílias de rua (Lusk, 1992). Essa classificação incorpora um segundo elemento ao conceito de trabalho. É reconhecido que estas crianças podem simplesmente perambulando o dia inteiro, sem trabalho, sim, usando este espaço para busca de recursos. Outros autores procuram descrever as características de crianças e adolescentes em situação de rua, sem a intenção de formar uma tipologia, mas salientando que a situação de pobreza, por si só, não caracteriza a condição de criança de rua.

baseando-se em duas dimensões que considera essenciais: a pessoa e o meio.

Essas dimensões são melhor entendidas por meio dos indicadores sociais associados a elas. Assim, temos a família, ou melhor, o nível de envolvimento familiar, como indicador de meio ambiente e comportamentos aceitos pela comunidade (adesão às normas) como indicador de pessoa. Por sua vez, cada um desses indicadores apresenta três níveis de envolvimento ou adesão. Assim, envolvimento familiar é classificado em efetivamente envolvido, inconsistente e sem envolvimento, e adesão às normas em adesão essencial, adesão inconsistente e não adesão. A combinação desses níveis permite chegar-se a nove tipos que incluem crianças e adolescentes em situação de rua, candidatos a crianças e adolescentes em situação de rua, sujeitos com problemas de ajustamento, pseudocrianças e adolescentes de rua e crianças e adolescentes que não são de rua.

Em contraste com as definições anteriores, em que o foco é situado nas relações sociais, a tipologia de Cosgrove (1990) é baseada no próprio sujeito, isto é, a criança em situação de rua seria resultado da combinação de envolvimento familiar pobre com a não adesão às regras aceitas pela comunidade.

Martins (1996a) realizando censo das crianças e adolescentes em situação de rua na cidade de São José do Rio Preto, São Paulo, encontra dificuldades para classificar os seus dados, usando as tipologias existentes, dessa forma faz uma crítica e apresenta uma proposta baseada na busca de renda, alimentação, local de repouso e lazer, que resultou nos seguintes tipos:

Tipo 1: Crianças e adolescentes que buscam renda para família (e/ou para seu próprio sustento) e alimentam-se nas ruas, onde passam a maior parte do dia, dormem freqüentemente em casa e têm lazer no bairro em que moram ou nos logradouros públicos em que trabalham. Vínculo familiar estável.

Tipo 2: Crianças e adolescentes que buscam renda para

por três motivos principais, que podem ser: a) pais separados ou divorciados ou conjugadamente; a) pais trabalhando de casa e não têm outro adulto responsável para tomar conta das crianças; b) ambiente familiar não adequado ao crescimento da criança; c) a residência não é permanente, ou seja, a permanência da criança (vive com diferentes pessoas) não é permanente e a permanência familiar estável.

O último ponto, origem desse tipo de criança, pode ser melhor entendido a partir de Aptekar (1996), que usando metodologia de campo mostra que existiam cerca de 10% de crianças e adolescentes pobres, abaixo da linha de pobreza, nas cidades dos países em desenvolvimento. Os resultados dos censos, feitos nas grandes cidades, mostraram que os números desses indivíduos que vivem em situação de rua é muito maior que os brasileiros e Aptekar, 1996, para a América Latina.

Analisando os estudos Aptekar (1996) e Martins (1996a) para a origem de crianças e adolescentes em situação de rua: a pobreza, a violência doméstica, a ausência de vínculo social e a marginalização da própria sociedade. Considerando que para entender este fenômeno, precisamos ter em mente que a origem da situação de rua é complexa e não é tomada isoladamente, não responde a uma causa única.

Com a publicação de trabalhos que mostram a origem das crianças e adolescentes em situação de rua, é possível observar que a origem é diversificada, com fatores individuais, familiares, sociais e ambientais. O fato nos obriga a refletir a origem da situação de rua, que é a única responsável pela situação de rua. A hipótese explicativa tem sido a de que a origem da situação de rua é a pobreza, violência doméstica, marginalização social e mentalmente entrelaçadas. As causas de origem da situação de rua são lícitas ou ilícitas ou condições de vida que levam à situação de rua. Por último a questão da moderação da origem da situação de rua é importante, já que a origem da situação de rua é diversificada, com fatores individuais, familiares, sociais e ambientais.

e as várias tipologias surgiram justamente para dar conta dos vários aspectos que compõem essa população.

Mas estas tipologias são resultado de classificações feitas a partir de uma característica mais proeminente, como por exemplo, vínculo familiar ou tipo de atividade, sem levar em conta as várias facetas que estas crianças e adolescentes possuem. Revendo literatura sobre modos de classificação que envolvessem muitos objetos, com muitos atributos, a ferramenta mais usada, não só na Psicologia, como em outras áreas do conhecimento, notadamente na Biologia, é a Análise de Aglomerados (*Cluster Analysis*) (Danseco & Holden, 1998; Hair, Anderson, Tathan & Black, 1998; Manzato, 1983; Pereira, 1999; Romesburg, 1990). Esse procedimento procura agrupar objetos baseados nos seus atributos, podendo ser usada de modo exploratório ou confirmatório e apresenta as duas vantagens: não existência de pressupostos, como os exigidos para uma análise fatorial e a não necessidade de um número elevado de casos. Neste último ponto, temos, por exemplo, o estudo de Pereira e Saes (1995), que analisaram sete variáveis de desempenho científico em sete Institutos de Pesquisa.

Este estudo tem dois objetivos. O primeiro fazer uma análise exploratória de dois grupos de crianças e adolescentes, tidas como “crianças de rua”. O primeiro grupo permanece mais na região central e o segundo em dois bairros populares, na periferia de uma cidade de porte médio do interior do estado de São Paulo. Consideraremos que o desenvolvimento de uma tipologia baseada em critérios mais precisos e acessíveis a outros pesquisadores contribua para um melhor conhecimento destas pessoas e, por sua vez, a definição e aplicação de políticas de atendimento mais adequadas. O segundo objetivo é levantar, entre os entrevistados neste censo, os que já tinham sido cadastrados no primeiro estudo (Martins, 1996a), para que tenhamos uma idéia do tempo de permanência destas pessoas na situação de rua.

Método

cuidado de lembrar que esses resultados somados.

Na segunda técnica, o censo, as crianças são identificadas e entrevistadas, para por pessoas treinadas, que ficam mais tempo com essa abordagem, embora mais demorada, para obter dados mais precisos.

A escolha de uma dessas técnicas para o lugar, pelo tamanho da cidade a ser pesquisada, segundo, pelo tipo de política que se pratica na cidade em relação a crianças e adolescentes de rua. Desta forma, em função da área ocupada pela cidade e sua população, existência de inúmeros trabalhos sendo feitos com crianças e adolescentes carentes, a contraria dados importantes para o conhecimento do segmento. Sendo assim, por ser uma área médio, comporta adequadamente fazer um com um custo pequeno podemos ter os resultados desejados.

A forma de tratar uma questão tão essa, a saber, a de fazer-se um levantamento de adolescentes em situação de rua, é estabelecida na bibliografia científica, porém o que não deve ser menos características de cada situação em particular, é que trabalhamos com uma equipe formada por experientes, composta por seis pessoas atuando com esta população. Desta forma, a necessidade de treinamento específico.

Para entrevistarmos as crianças e o primeiro lugar pedimos autorização ao Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente concedido, e usamos o instrumento de primeiro censo (Martins, 1996a), acionados considerados relevantes para este levantamento, resultaram em quatro campos de informação chamado de identificação geral, com data, hora da entrevista e nome do entrevistado, identificação da unidade.

de rua em São José do Rio Preto foram, também, cadastrados participantes de quatro programas voltados para populações sem supervisão adequada de adultos, programas pós-escola, e que embora compartilhem algumas características das crianças em situação de rua, elas têm um perfil diferenciado, que pretendo estar analisando em outro artigo.

Após esta introdução foi feita uma organização das variáveis, tendo em vista dois pontos. O primeiro que elas fossem semelhantes às variáveis estudadas em outras pesquisas e o segundo que permitissem uma delimitação da situação de vivência dos participantes. Desta forma, retiramos do campo identificação do participante as variáveis idade (crianças e adolescentes), sexo (masculino e feminino) e cor (pardos/negros e brancos). Dos dados gerais compactamos as informações atividade e motivo para estar na rua na categoria atividade (trabalho de ambulante, engraxate ou panfleteiro e atividade de esmolar, perambular, brincar ou dormir na rua); tempo de rua (menor ou igual a seis meses e maior que seis meses); dados escolares resultaram nas categorias sobre freqüência à escola no ano de 1997 e 1998 e estar alfabetizado; local de alimentação, local de repouso e retorno para casa resultaram na categoria retorno diário para casa (sim ou não); participar de programa de apoio à criança e ou adolescente (sim ou não); uso de drogas (sim ou não) e procedência da família (da cidade local do estudo ou de outras cidades). Não utilizamos a variável brincar por dificuldade na coleta desta informação, assim como as informações do campo com dados familiares, que estão tendo uma análise a parte.

Após a organização das variáveis separamos os participantes em dois grupos: os entrevistados na região central da cidade e os dos bairros próximos às suas

residências. Esta divisão baseia-se na distância da residência da criança e adolescente em relação ao espaço da rua e na visão que elas tinham de si e de suas atividades. As crianças dos bairros não se viam como pertencentes à rua, e consideramos que embora constituam um grupo pequeno de participantes (quase 10% dos dados de cidades com mais de 100 mil habitantes), consideramos que estes dados contribuem para uma melhor compreensão da questão.

Em termos numéricos encontramos 107 crianças e adolescentes em situação de rua, sendo 66% do grupo “Rua” e 31 nos bairros próximos à “Rua”. Estes participantes são divididos por sexo, cor e idade. A Tabela 1 mostra que, onde encontramos um predomínio de crianças brancas: 60%. Dados, que correspondem aos encontrados em outras pesquisas.

No grupo “Bairro” encontramos 41% de crianças e adolescentes do sexo masculino, 68% da cor negra e 32% de adolescentes (Tabela 2). Em termos de idade, encontramos que as crianças e adolescentes igualem apenas na idade, a maioria entre 10 e 14 anos. No entanto, em outros dois pontos: cor e sexo, existem diferenças entre negros e pardos, e o predomínio de negros é maior, mas não é tão grande.

Como já mostramos a identificação das crianças e adolescentes em situação de rua é um tema que é o alvo de vários estudos. Consideramos que as crianças e adolescentes podem ser classificadas por um ou dois critérios: sexo, idade, vínculo familiar ou tempo de permanência na rua. As categorias simplistas, que ao mesmo tempo permitem uma base para algum tipo de interrogação, que possam fornecer alguma informação, assim realizamos uma classificação das crianças e adolescentes em situação de rua, seguindo os passos propostos por Romesburg (1998) e Romesburg (1990).

Tabela 1
Grupo Rua por Sexo, Cor e Idade

	Feminino	Masculino
--	----------	-----------

Tabela 2
Grupo Bairro por Sexo, Cor e Idade

Cor	Feminino					Masculino				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Idade										
10	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0
12	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0
13	1	1	4	0	0	0	1	0	0	0
14	0	0	1	0	0	2	2	2	0	0
15	0	1	0	0	1	2	0	2	0	0
16	0	1	0	0	0	0	0	0	2	0
17	0	0	1	0	0	1	0	1	0	1
Total	1	3	6	0	1	5	5	7	2	1

Cor: 1 = branca; 2 = preta; 3 = parda; 4 = amarela; 5 = não-especificada

O primeiro refere-se aos objetivos da análise; aqui neste caso é o de compreender melhor como se agrupam as crianças e adolescentes entrevistados. Baseado neste objetivo trabalhamos com as 12 variáveis que consideramos como discriminadoras da situação de rua. Estas variáveis foram categorizadas em termos dicotômicos, por considerarmos uma forma mais simples de visualizarmos estes participantes, atribuindo o código “1” a presença e “0” para a ausência

do atributo que caracteriza a criança e o seu ambiente, ou seja, a situação de rua, como por exemplo, essas crianças e adolescentes já terem freqüentado a escola no ano de 1997 e terem abandonado no de 1998 (Tabela 3).

O segundo passo refere-se ao delineamento da análise, que envolve a detecção de valores “íntermediários” entre a escolha da medida de similaridade e a estandardizar ou não os dados. Quanto a

Tabela 3
Nome das Variáveis e sua Discriminação

Variável	Código	Discriminação
Atividade	0	Trabalho de ambulante, engraxate ou panfleteiro
	1	Atividade de esmolar, perambular, brincar ou dormir na rua
Sexo	0	Feminino
	1	Masculino
Cor	0	Negra ou parda
	1	Branca
Idade	0	Crianças
	1	Adolescentes
Tempo	0	Tempo de rua menor ou igual a seis meses
	1	Tempo de rua maior que seis meses
Escola 97	0	Não freqüentou à escola no ano de 1997
	1	Freqüentou à escola no ano de 1997

não temos valores “intrusos” por termos transformado as respostas originais em termos dicotômicos, o que já responde o terceiro ponto. A transformação das variáveis em termos de presença ou ausência se deveu a grande variedade de medidas usadas, o que recomendaria a estandardização destas medidas. A escolha da medida de similaridade recaiu sobre a *size difference* por ser uma das mais adequadas para dados dicotômicos e o método de aglomeração usado foi o de Ward (ver passo três).

O terceiro passo refere-se a seleção do método de aglomeração a ser usado. Em primeiro lugar optamos por um método hierárquico por não termos, *a priori*, uma variável que servisse de apoio para iniciar o processo de aglomeração (*cluster seed*). Desta forma, dentro dos métodos disponíveis, optamos pelo de *Ward*, por este usualmente promover ótimas soluções (Romesburg, 1990).

Realizada a análise e de posse do dendograma, partimos em busca da melhor configuração, que se evidenciou ao “cortarmos a árvore” no nível de três aglomerados. Os participantes agrupados em cada um dos aglomerados mostraram distintas formas de relações com o espaço da rua (Tabela 4). Detalhando cada um, encontramos, as seguintes características:

- Aglomerado 1: chamados de “solitários” por predominar a falta de supervisão de adultos, com 27 dos casos, corresponde a 40,3% do total, tem 96% dos seus membros usando o espaço de rua para mendigar/perambular;brincar e usar drogas, 100% com tempo de rua alto, abandono progressivo da escola (70% não foi à escola em 1997, número que passou para 89% em 1998) resultando em 63% de analfabetos e 85% não retornando diariamente para casa.

- Aglomerado 2: chamado menor grupo, com 11 casos, do total, tem 64% dos seus membros usando o espaço de rua para mendigar/perambular, metade faz uso de drogas (55%), com tempo de rua alto, um quadro menor de abandono progressivo da escola (92% em 1997, caindo para 73% em 1998), 45% com número menor de analfabetos e 64% não retornando diariamente para casa.

- Aglomerado 3: chamado maior grupo, com 29 membros, 55% dos casos, se caracteriza por maior uso de drogas, se envolveram com drogas, e com maior tempo alto de rua. É o grupo com maior freqüência à escola (93% em 1998), resultando na menor taxa de abandono e maior retorno à casa diariamente (analfabetos).

A partir das análises feitas, definimos a “Situação de Rua”, onde foram selecionadas as variáveis que caracterizadoras da situação de rua, uma nova matriz, com os participantes agrupados e com as variáveis que se aplicaram ao novo conjunto, com sete variáveis: sexo, cor, freqüência à escola em 1998, nível de escolaridade em 1998, alfabetização, participação em atividades de drogas.

Com estas novas variáveis, procedimentos de análise aos dados foram realizados, “Bairro”, e a partir do dendograma, “cortarmos a árvore” no nível de formação de aglomerados.

Tabela 4
Freqüência e Porcentagem dos Participantes nos Aglomerados por Variáveis

Variáveis	Aglomerado 1		Aglomerado 2	
	f	%	f	%

Tabela 5
Freqüência e Porcentagem dos Participantes nos Aglomerados por Variáveis

Variáveis	Aglomerado 1		Aglomerado 2		Agl
	f	%	f	%	
Sexo masculino	10	91	2	25	8
Negros e/ou pardos	8	73	5	62	12
Freqüência à escola 97	9	82	6	75	8
Não freqüência à escola 98	2	18	0	0	5
Não alfabetizado	0	0	0	0	3
Participação de programa	2	18	1	12	9
Usa drogas	2	18	1	12	7

consideramos como explicativos deste grupo. Detalhando cada grupo encontramos os seguintes dados (Tabela 5):

- Aglomerado 1: chamado de “integrados”, com 11 participantes (35,5%), encontramos 86% dos membros do sexo masculino, praticamente todos na escola (82%), 100% deles alfabetizados e baixa participação em programas e uso de drogas (18%).

- Aglomerado 2: chamado de “integradas”, com 8 participantes (25,8%) e diferenciando-se, em relação ao Aglomerado 1, em função do sexo, com predomínio do feminino (75%) e freqüência à escola em 1998, com 100%.

- Aglomerado 3: chamado de “risco”, com 12 participantes (38,7%), predomínio de negros e pardos (100%), maioria do sexo masculino (67%), menor freqüência à escola (58%), maior participação em programas (75%) e uso de drogas (58%).

Quanto à representatividade dos participantes, consideramos que foram entrevistados praticamente todas as crianças e adolescentes que estavam em situação de rua na época do censo, que formaram o grupo “Rua”. O mesmo não pode ser dito em relação ao grupo “Bairro”, formado de moradores de apenas dois bairros de classe pobre, que foram construídos sob a forma de conjuntos habitacionais financiados pelo governo. Estes participantes foram alcancados por entrevistadores que moravam nestes bairros

crianças e uma adolescente. Quatro foram do tipo 1 (busca de renda para família, alimento próprio, local de dormir em casa instável) e 3 como “tipo 4” (busca de renda para família, alimentação e local de dormir instável ou ausente).

No cadastro de 1998, 2 continuaram (irmãos gêmeos), defasados de série, mas não usam drogas. Usam o espaço de ruas para seu sustento e ajudar em casa familiar instável). Dos outros 5 participantes, 3 saíram antes de concluir a série do ensino fundamental, são coincidentemente todos fazem uso de drogas.

Discussão

Esta discussão procurará refletir os resultados neste censo em relação ao primeiro censos da área e os resultados em si deste estudo. No estudo (Martins, 1996a) foram entrevistados 123 crianças e adolescentes, sendo 83 equivalentes ao grupo “Rua” e 48 ao grupo “Bairro”. Na comparação, temos uma redução no número de

aos classificados como tipo 4, existiam apenas 9 participantes (10,8%), que passaram para 27 casos, representando 40,3% do total, com um aumento de 66,6%. Este último resultado pode ter pelo menos duas explicações. A primeira seria a própria forma de classificação usada, e como algumas das variáveis levantadas neste estudo não foram levantadas no primeiro censo, não é possível aplicarmos esta metodologia para aqueles dados. A segunda seria um aumento real deste tipo de criança nas ruas a partir do ano de 1997, quando houve uma mudança na política de atendimento da cidade, com o fechamento da Casa da Criança e o progressivo desativamento do Projeto Santa Mônica (Martins, 2000).

No primeiro censo, entrevistamos 83 crianças/adolescentes, e destes somente 15 estariam com mais de 18 anos em 1998, o que os tornariam não elegíveis para este estudo. Deste universo ficaram 68 participantes que poderiam ainda estar em situação de rua, mas só foram entrevistados, neste estudo, sete destes participantes, que atualmente são adolescentes e permanecem em situação de rua. Este número nos mostra que passados 3 anos 18% deixaram a situação de adolescente e se tornam adultos e dos 82% restantes somente 10,3% permaneceram nesta situação.

Revendo estudos da área o primeiro a ser comparado é o de Lima (1992), com crianças e adolescentes que perambulavam pelo centro da cidade, foco desta pesquisa. Nesse estudo foram entrevistados somente os usuários de cola de sapateiro, que formavam um grupo de 20 pessoas. Como no primeiro censo não levantamos especificamente o uso de drogas, não temos este dado, mas neste estudo encontramos, no grupo “Rua”, usando o mesmo espaço do estudo de Lima, 32 participantes fazendo uso não só de cola de sapateiro como de outras drogas (*crack*, maconha e *thinner*), mostrando um aumento 37% neste grupo.

Todos os estudos posteriores ao do censo 1994/95 procuram conhecer aspectos particulares destas crianças e adolescentes, sem uma preocupação de levantamento geral da situação, em cada cidade onde foram feitos. Entre

Embora esta amostra possa representar a população de rua, não temos como afirmar que os consumos de drogas sejam altos, pois encontramos 40 crianças e adolescentes que participaram de algum programa social. De 59,7% dos entrevistados e 30,3% que estavam usando algum tipo de droga, quando comparados com os 78,1% que usavam drogas recente na cidade de São Paulo, existe uma discrepância, o que pode estar relacionado ao fato de que o estudo diferenciado para os que vivem na rua.

Finalmente, olhando os dados de uso da análise de aglomerados, a classificação mais clara, com atributos que parecem ser direcionados para a rua, não ficando na tradicional duas variáveis, como vínculo e atividade exercida na rua, que tipo tudo ou nada e agrupam características diferenciadas. O que parecem diferenciar claramente os solitários, desligando-se e trabalhando

Os solitários correspondem ao “solitário de rua”, com seus membros sendo quase todos masculino, metade de negros, médio-alto, abandono da escola, não morando na própria cidade, participação em grupos de atendimento, usando o espaço público para usar drogas e com retorno imediato para casa. A permanência desse tipo de solitário de rua, apesar de serem atendidos por projetos de reinserção social, mostra que as propostas desses projetos não têm sido adequadamente repensadas, como por exemplo, a volta imediata à escola, da qual foram expulsos. “não gostar” ou “dificuldade” de se integrar a esses programas devem inicialmente ser levados em consideração.

O segundo aglomerado, de um pequeno grupo em trezentos e setenta e quatro milhares de habitantes.

atendimento voltados para o fortalecimento do núcleo familiar são muito positivos e de custo relativamente baixo, principalmente quando comparado com o atendimento aos do aglomerado dos “solitários”, e principalmente aos que acabam enveredando pelos atos infracionais e são colocados em sistema de internato.

Finalizamos este artigo, salientando a necessidade de um conhecimento mais detalhado dos participantes de cada grupo, numa abordagem qualitativa, para preenchermos as lacunas sobre a realidade social, do ponto de vista deles. Principalmente, suas relações com a escola e o que, ou como, se constituem suas famílias.

Referências

- Alves-Mazzotti, A. J. (1997). Representações sociais de meninos de rua. *Educação & Realidade*, 22(1), 183-207.
- Amado, J. (1965). *Capitães da areia*. São Paulo: Martins.
- Aptekar, L. (1991). Are colombian street children neglected? The contributions of ethnographic and ethnohistorical approaches to the study of children. *Anthropology & Education Quarterly*, 22, 326-349.
- Aptekar, L. (1996). Crianças de rua nos países em desenvolvimento: Uma revisão de suas condições. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9, 153-184.
- Bonamigo, L. R. (1996). O trabalho e a construção da identidade: Um estudo sobre meninos trabalhadores na rua. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9, 129-152.
- Carrizosa, S. O. de & Poertner, J. (1992). Latin American street children: Problem, programmes and critique. *International Social Work*, 35, 405-413.
- CONDECA (1996). *Estatuto da Criança e do Adolescente*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.
- Cosgrove, J. G. (1990). Towards a working definition of street children. *International Social Work*, 33, 185-192.
- Danseco, E. R. & Holden, E. W. (1998). Are there different types of homeless families? A typology of homeless families based on cluster analysis. *Family Relations*, 47(2), 159-65.
- Dickens, C. (1965). *The adventures of Oliver Twist*. London, New York: Oxford University.
- Ferreira, R. M. F. (s.d.). *Meninos de rua. Expectativas, valores de menores marginalizados em São Paulo*. São Paulo: Ibrex.
- Geremek, B. (1995). *Os filhos de Caim*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Graciani, M. S. S. (1992). A construção social da identidade de meninos (as) de rua. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 2(1), 147-153.
- Hair, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L. & Black, W. C. (1998). *Multivariate data analysis: With readings*. Englewood Cliffs: Prentice Hall.
- Hutz, C. & Forster, L. M. K. (1996). Comportamento e atitudes sexuais de adolescentes de rua. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, 9, 289-299.
- Manzato, A. J. (1983). *Análise hierárquica de agrupamentos nominais*. Dissertação de Mestrado não-publicada. Graduação em Estatística, Instituto de Matemática e Estatística, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- Martins, R. A. (1996a). Censo de crianças e adolescentes em situação de rua em São José do Rio Preto. *Psicologia: Reflexões e Evoluções*, 1, 11-45.
- Martins, R. A. (1996b). Crianças e adolescentes em situação de atendimento. Em S. H. Kolle (Org.), *Psicologia na melhoria de qualidade de vida (pp. 11-45)*. ANPEP.
- Martins, R. A. (2000). Programa de apoio sociofamilial para crianças e adolescentes em situação de rua. *Nuances*, 6, 193-201.
- Mermel, J. (1995). *Bibliography on street children*. Geneve: UNICEF.
- Noto, A. R., Nappo, S., Galduróz, J. C. F., Mattei, R. & Oliveira, W. de. (1999). *IV Levantamento sobre o uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua em seis capitais brasileiras*. São Paulo: AFIP e CIESP.
- Oliveira, W. de, Baizerman, M. & Pellet, L. (1992). Street children and their helpers: Comparative views on aspirations. *International Social Work*, 35, 163-176.
- Pereira, J. C. R. (1999). *Análise de dados qualitativos: Especialidades da saúde, humanas e sociais*. São Paulo: Ed. da UFSCar.
- Pereira, J. C. R. & Saes, S. G. (1995). Avaliação de estratégias de ciência e tecnologia: Um estudo de caso. *Revista Brasileira de Ciência e Tecnologia*, 18(3), 308-317.
- Piolti, F. (1995). Crise e perspectivas da assistência social no Brasil. Em F. Piolti & I. Rizzini (Orgs.), *A assistência social no Brasil: história das políticas sociais, da legislação e da assistência social* (pp.11-45). Rio de Janeiro: Instituto Interamericano de Pós-Graduação e Pesquisa Universitária Santa Úrsula, Amasis.
- Rigon, J. M. & Romanelli, G. (2000). Adolescentes e consumo de crack em Ribeirão Preto. Em S. H. Kolle (Org.), *Programa de apoio sociofamilial para crianças e adolescentes em situação de rua* (Tomo II, pp.45-49). Ribeirão Preto: Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Artes da Universidade de São Paulo.
- Rizzini, I. & Rizzini, I. (1996). "Menos" institucionalizados de rua. Em A. Fausto & R. Cervini (Orgs.), *Menos institucionalizados de rua e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80* (2^a ed., pp.11-45). Rio de Janeiro: Cortez.
- Romesburg, C. H. (1990). *Cluster analysis for researchers*. Newbury Park: Sage.
- Rosemberg, F. (1994). *Contagem de crianças e adolescentes em situação de São Paulo*. Relatório Técnico, Secretaria de Bem-Estar Social. São Paulo.
- Santos, A., Silva, A., Reppold, C. T., Santos, C. L., Pinto, A. & Alves, P. B. & Koller, S. H. (1998). Crianças e adolescentes de Porto Alegre: Um estudo descritivo. *Psicologia: Reflexões e Discussões*, 441-447.
- UNICEF - United Nations Children's Fund (1991). *Children in Brazil*. Oxford: Oxford University.
- UNICEF - United Nations Children's Fund (1993). *Children in Brazil*. Oxford: Oxford University.
- Valladares, L. P. (Org.) (1988). *A "infância pobre" no Brasil: estudos sobre infância, juventude e família*. Rio de Janeiro: CIEP.